



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DO CONHECIMENTO E O  
PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO**

**MÁRCIO JIBRIN**

**REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA E AS  
CONTRIBUIÇÕES DO PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO**

**RECANTO MAESTRO**

**2016**



**MÁRCIO JIBRIN**

**REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA E AS  
CONTRIBUIÇÕES DO PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado sob a forma de artigo, como critério parcial para obtenção do título de especialista na Especialização nível *Latu Sensu* em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico do curso de Pós-graduação da Antonio Meneghetti Faculdade – AMF.

Orientadora: Ma. Maria Tereza Andreola

**RECANTO MAESTRO  
2016**

### RESUMO

A relação psicoterapêutica ocupa um importante lugar na reflexão dos que se enveredam na atividade clínica. Para diversas teorias é justamente nas qualidades que a relação psicoterapêutica adquire que reside o sucesso ou o fracasso do processo psicoterápico. A Ontopsicologia surge em resposta ao problema crítico do conhecimento, fundamentando-se nos resultados obtidos na clínica e na evidência interior de ser. Contudo, o conhecimento ontopsicológico se torna possível de formalização apoiando-se em saberes já conquistados. Para entender como a Ontopsicologia compreende o contato na relação psicoterapêutica, faz-se uma passagem por duas importantes vertentes de conhecimento - o Humanismo e a Fenomenologia - as quais possuem grande influência nas reflexões de Antonio Meneghetti. Em seguida, esclarecem-se alguns aspectos da Ontopsicologia, e as contribuições desta ciência epistêmica para a relação e o contato em psicoterapia.

**Palavras-chave:** ontopsicologia; relação psicoterapêutica; ontoterapia; contato psicoterapêutico.

## ABSTRACT

The psychotherapeutic relationship occupies an important place in the reflection of those who are inclined in the clinical activity. For several theories it is precisely in the qualities that the psychotherapeutic relationship acquires that lies the success or failure of the psychotherapeutic process. The Ontopsychology comes in response to the critical problem of knowledge, founding it self on the results obtained in clinical activity alongside the inner evidence of being. However, the ontopsychological knowledge becomes possible to formalize relying on knowledge already conquered. To understand how Ontopsychology comprehends the contact in the psychotherapeutic relationship we must go through two important approaches of knowledge - Humanism and Phenomenology - which have great influence in the reflections of Antonio Meneghetti. Then some aspects of Ontopsychology are clarified, emphasizing on the contributions of this epistemic science to the relationship and contact in psychotherapy.

**Key-words:** ontopsychology; psychotherapeutic relationship; ontotherapy; psychotherapeutic contact.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>06</b>
<b>2. REVISÃO TEÓRICA</b>	<b>08</b>
2.1 SOBRE A PSICOTERAPIA	08
2.2 O HUMANISMO	10
2.3 A FENOMENOLOGIA	13
2.4 O PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO	16
2.5 SOBRE A ONTOTERAPIA	19
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>22</b>
<b>4. REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Na tentativa de combater um desequilíbrio ou uma aflição no mundo interior de um de seus membros, as sociedades elegeram e ainda elegendos seus métodos de cura a partir do seu universo simbólico e de representações geracionalmente transmitidas. Ao longo da história humana, inúmeras foram as práticas curativas - modalidades de psicoterapia - desenvolvidas para a intervenção na dimensão subjetiva da experiência do homem. Nas medicinas antigas, juntamente aos tratamentos destinados ao corpo, também se desenvolviam os cuidados dedicados ao “espírito”. A eficácia simbólica de um tratamento dessa natureza apoia-se em dois princípios: o reconhecimento e validação cultural da intervenção em questão, e a crença nas capacidades do seu operador. Tal reconhecimento advém do grupo no qual o ritual está sendo operado, assim como a atribuição de algum poder, habilidade ou saber à aquele quem opera o tratamento (MORO & LACHAL, 2008; LÉVI-STRAUSS, 2012).

A psicoterapia tem suas origens muito anteriores à formalização da Psicologia enquanto ciência. Contudo, o termo psicoterapia compreendido como o cuidado da mente ou ainda como a arte de cuidar pelo espírito, surge no meio científico no ano 1891 com a publicação da obra *Hypnotisme, suggestion, psicoterapie* de Hyppolyte Bernheim, neurologista francês e líder da escola hipnológica de Nancy. Cabe pontuar que poucos anos depois, a Psicanálise passa a ocupar a frente nas intervenções psicoterápicas, sendo apenas ao fim da segunda grande guerra que as demais modalidades de psicoterapia passam a surgir (MORO & LACHAL, 2008; MENEGHETTI, 2010).

A relação que se estabelece entre o psicoterapeuta e a pessoa que o procura, foi e continua sendo ponto importante de reflexão e elaboração dos que se aventuram na experiência clínica, tendo em vista que a totalidade dessa relação é um dos determinantes do sucesso ou fracasso psicoterapêutico. Com o desenvolvimento das diversas teorias que orientam a intervenção em psicoterapia, muitos termos foram utilizados para descrever e qualificar essa relação. Por vezes,

tais termos podem parecer conflitantes, mas compreende-se que existam alguns elementos comuns para que uma relação possa ser dita psicoterapêutica. Salvo especificidades teórico-metodológicas das chamadas abordagens psicológicas, vários de nossos antecessores já se propuseram a descrever o que consideravam como os universais para a relação psicoterapêutica se efetuar.

Antes da formalização do conhecimento científico cabia à sociedade, aos seus códigos culturais e à religião, regular as práticas de cuidado do espírito. Com o advento da Ciência e as mudanças nos sistemas político-econômico, uma série de critérios científicos e princípios éticos adicionaram-se a essa regulação, tornando sua operação cada vez mais complexa. Diante da percepção de um psicoterapeuta italiano que a psicoterapia estava estagnada, é que a semente da Ontopsicologia é plantada.

A Ontopsicologia origina-se a partir da indagação de Antonio Meneghetti sobre os limitados resultados obtidos no tratamento da Esquizofrenia, relacionando-os com o irresoluto problema crítico do conhecimento já acusado por Husserl. Para ele, a psicologia, que se propunha a entender o mundo interior do homem, não possuía os instrumentos adequados para compreender e atingir o seu objeto de investigação. Contestava a existência de muitos critérios na pesquisa e intervenção científicas, que por efeito parcializava o homem e não o via em sua totalidade. Nos anos 1960, A. Meneghetti percorreu diversos centros de pesquisa psicanalítica pela Europa, dedicou-se aos estudos da corrente humanista de Rogers, May e Maslow nos Estados Unidos, e ao retornar a Europa direciona seus estudos à Fenomenologia de Husserl, o qual já havia pontuado o problema em que a produção do conhecimento se encontrava, assim como, a aspiração de encontro com o *Lebenswelt* (Mundo da vida) para o acesso a causalidade vital das coisas. Na década de 1970 mergulhou em dez anos de atividade em psicoterapia que culminaram no ano de 1980 na formalização da teoria ontopsicológica a partir de suas três descobertas fundamentais (MENEGHETTI, 2005; 2010, VIDOR, 2013).

A tese da Ontopsicologia é que a psicologia, e outras ciências, somente poderiam ser demonstradas reais se obtivessem uma correspondência com o mundo da vida. Para tanto, a psiquê e portanto, a faculdade intelectual do humano, dotadas de uma capacidade ontológica, teriam a possibilidade de evidência interior e reversibilidade entre fenomenologia e

realidade-viva. A essa dimensão ontológica, que reflete a causalidade do ser e permite o acesso ao real do mundo, o autor nomeia Em Si ôntico. Nesse sentido, a Ontopsicologia é a ciência que legitima o cientista, pois sem a sua exatidão o conhecimento por ele produzido não se apóia no fundamento de origem, no saber verdadeiro (MENEGETTI, 2005; VIDOR, 2013).

Meneghetti, sistematiza o que denominou de três descobertas da Ontopsicologia, o Em Si ôntico (Eso), o Campo Semântico (Cs) e o Monitor de Deflexão (Mdd). Cada uma das descobertas ocupa um lugar fundamental na compreensão do psiquismo humano, suas inter-relações e desvios. Quando aplicadas à relação psicoterapêutica, permitem ao psicoterapeuta acessar a subjetividade real do outro. A Ontopsicologia tornou-se possível a partir dos vários avanços já atingidos e soma a eles as contribuições decorrentes das três descobertas.

O presente trabalho se propõe a apresentar como algumas teorias, especificamente a corrente humanista e a fenomenológica, compreendem a relação psicoterapêutica, suas características e os princípios para que aconteça. Em seguida serão apresentados quais as contribuições que o conhecimento ontopsicológico agrega à psicoterapia em especial, ao contato psicoterapêutico. A escolha das correntes humanista e fenomenológica se dá pela íntima relação e estima que o autor da Ontopsicologia estabeleceu com as teorias, refletindo o reconhecimento de suas fortes influências na construção do conhecimento ontopsicológico.

## **2. REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1 SOBRE A PSICOTERAPIA**

De acordo com Cordioli (2008), a psicoterapia compreende-se como um conjunto de intervenções verbais e não verbais, fundamentadas em modelos científicos sobre o humano, que tem por objetivo acabar ou amenizar o sofrimento psíquico, ou mesmo físico, decorrentes de conflitos subjetivos, disfunções ou mal adaptações do comportamento. Tal trabalho, além de se operar no contexto interpessoal - da relação psicoterapêutica - se trata ainda de uma atividade colaborativa por excelência. Disso se apreende que a pessoa que busca uma psicoterapia possui a



percepção de que algo não vai bem, e por mais que não compreenda as razões de seu sofrimento, quer mudar e portanto, busca ajuda profissional e se implica em um processo psicoterapêutico.

Cabe pontuar, que para se definir um comportamento como normal ou patológico é necessário antes contextualizar o sujeito. Pois, uma série de comportamentos que em uma dada cultura, em determinado tempo histórico e espaço geográfico, podem ser considerados anormais, em outra, podem ser não apenas reconhecidos como normais, como podem também, ser reforçados socialmente (DEVEREUX, 1985).

Falar em psicoterapia no singular pode ser inapropriado, já que estudos revelam que atualmente existam mais de 350 formas de psicoterapia em todo o mundo (KARASU *apud* FERREIRA, 2009; MORO & LACHAL, 2008). Nesse universo de modelos conceituais e práticos, alguns se aproximam mais ou menos, com algumas pequenas diferenças. Já outros, são radicalmente diferentes no tangente à sua finalidade, duração e frequência de processo, assim como em relação às técnicas utilizadas pelo terapeuta. Mesmo com esse amplo espectro de modelos psicoterapêuticos, tem se tentado precisar alguns elementos que poderiam ser considerados comuns a todos esses modos existentes. Tais elementos geralmente se referem à experiência da psicoterapia, em específico à relação que se constitui entre psicoterapeuta e a pessoa que o procura. Cordioli (2008), aponta que para uma psicoterapia possa operar é necessário que se estabeleça no contato psicoterapêutico uma atmosfera de confiança para que o sujeito possa expressar as ideias e emoções que vive. Para que se desenvolva tal confiança, o autor salienta a importância do terapeuta assumir uma postura de apoio e aceitação, para então, partir aos procedimentos e técnicas utilizados em sua clínica.

Dentre os elementos que seriam compartilhados pelas modalidades de psicoterapia, sem que as teorias percam suas identidades e especificidades, destacam-se: a) a confiança depositada por parte do cliente no terapeuta, e acreditar que ele é capaz de lhe ajudar; b) que a psicoterapia constitui uma experiência afetiva, que favorece a expressão e compartilhamento de afetos embotados e/ou inconscientes que servirão de material para o trabalho psicoterapêutico; c) que ao decorrer do processo ocorra um aumento do conhecimento do cliente sobre si mesmo; d) que se construa uma compreensão etiológica suficiente acerca do problema, assim como uma possibilidade de resolução (CORDIOLI, 2008; MORO & LACHAL, 2008). Portanto, uma

psicoterapia de modo geral, caracteriza-se por ser uma experiência comunicativa de compartilhamento de afetos e pensamentos, baseadas em uma relação de confiança e alguma admiração. Que produza um entendimento sobre a situação para a pessoa que a apresenta e ainda uma ou mais possibilidades de solução do problema, ou a diminuição dos prejuízos dele decorrentes.

## 2.2 O HUMANISMO

Os psicólogos estadunidenses Carl Rogers (1902-1987) e Abraham Maslow (1908-1970), destacam-se como os nomes mais eminentes no desenvolvimento da corrente humanista da psicologia. Referida como a “terceira grande força”, a vertente humanista surge no meio científico em meados do século XX, triangulando o disputado espaço ocupado pela psicanálise e o comportamentalismo. A abordagem humanista surge diante da dupla insatisfação gerada por um lado pelo determinismo do inconsciente ao qual a psicanálise é tão fiel, e de outro pela obsessão científica-experimental behaviorista (SCHULTZ & SCHULTZ, 2009).

Na visão humanista, a psicanálise estava equivocada ao minimizar o papel da consciência, atribuindo ao inconsciente o poder sobre as ações do homem. Criticava-se também o exclusivo enfoque dado por Freud aos indivíduos neuróticos, restringindo a psicoterapia aos fenômenos anômalos e não tangenciando as características não próprias da essência humana, tirando de cena a possibilidade de trabalho com as pessoas saudáveis. Em relação a psicologia comportamental, duras críticas foram tecidas, caracterizando-a como uma abordagem que limitava, artificializava e tornava improdutiva a natureza do homem, através de seus experimentos rigorosamente controlados (SCHULTZ & SCHULTZ, 2009; VIDOR, 2013).

Diante de toda a atenção voltada aos desvios e patologias, percebia-se um *gap* no estudo das forças e virtudes humanas, tais como a alegria, a bondade, a empatia e a generosidade. Para os psicólogos humanistas as teorias vigentes fragmentavam o ser humano tornando impossível a sua compreensão. Para tanto, fazia-se necessário o esforço de unificar o homem, olhar para a personalidade como um todo orgânico e o humano como uma totalidade.

O pensamento central no humanismo, é de que o homem tende naturalmente ao crescimento e a evolução, desde que o ambiente no qual ele está inserido proporcione as condições necessárias para que aconteça. Descreve-se essa capacidade como algo inato ao homem, mas que pode ser bloqueado a partir de transmissões culturais e processos de aprendizagem. É a força motriz para realização do potencial latente, sendo ainda, o movimento que dá sentido e escopo para a vida. A essa propensão inata, Maslow (1970) denomina necessidade de autorrealização, compreendida como o desenvolvimento total das habilidades da pessoa e a realização dos seus potenciais.

Como se a pessoa, no escorrer de sua história e dadas as condições, fosse se tornando cada vez mais idiossincrática a ela mesma. Somente é possível atingir a autorrealização se uma série de outras necessidades consideradas mais básicas forem atendidas. Para o autor, antes são exigidas as satisfações das necessidades fisiológicas, de segurança, de pertinência e amor e de estima, para então consentir a autorrealização. Apenas sentindo-se amada, respeitada e protegida que a criança poderá se tornar um adulto capaz de autorrealização (MASLOW, 1970).

Rogers, que direcionou sua maior atenção à clínica, nomeada como Terapia Centrada na Pessoa, compreende que a maior força da personalidade seria o impulso para a realização da pessoa. Esse impulso estaria fortemente relacionado ao conceito de *atenção positiva* que se refere ao amor incondicional da mãe pelo seu bebê (SCHULTZ & SCHULTZ, 2009). Ao fim de décadas de atividade clínica, afirma que a sua maior lição, base de toda sua trajetória é que “a experiência mostrou-me que as pessoas têm fundamentalmente uma orientação positiva (ROGERS, 1994, p. 31)”. Para ele, a autorrealização seria o mais elevado nível de saúde psicológica. Na psicoterapia proposta por Rogers o enfoque é todo voltado ao crescimento da pessoa, sendo através de uma intensa relação estabelecida entre o terapeuta e o cliente que a psicoterapia poderia auxiliar no crescimento pessoal e na libertação daquilo que bloqueava a autorrealização. Na terapia rogeriana, a pessoa somente se sente acolhida e pode falar de experiências difíceis e dolorosas se percebe do terapeuta uma postura de aceitação positiva incondicional (ROGERS, 1994; FERREIRA, 2009).

Dois conceitos chave da teoria de Rogers são os de empatia e congruência. A empatia, entendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro para saber como o outro se sente e

percebe, só torna-se possível através de uma postura de aceitação positiva. Tendo em vista que é na compreensão e aceitação emocional do cliente por parte do terapeuta que para Rogers localiza-se o elemento gerador de mudanças (ROGERS, 1994). Para o autor, o contato em psicoterapia seria um encontro entre dois mundos no qual o ocorre um mútuo enriquecimento. Já o conceito de congruência, tido talvez como o conceito central na orientação da psicoterapia de Rogers, significa estar: em coincidência, em correspondência, em conformidade, em harmonia ou mesmo em identidade em relação a algo.

Em psicoterapia, a congruência aparece de diferentes formas e em ambas as partes - terapeuta e cliente. Alguém em sofrimento pode ser entendido como uma pessoa que vive em incongruência, ou seja, não há identidade entre a pessoa - suas vontades, desejos, projetos e potenciais - e as suas experiências no mundo. Se uma criança cresce em um ambiente que lhe tolhe a liberdade, as possibilidades de explorar o mundo e um lugar no olhar do outro, essa criança se tornará uma adulta em conflito, em incongruência. O resgate da harmonia entre a realidade interna da pessoa e suas ações no mundo configura um dos objetivos da psicoterapia nessa abordagem. Mas, para que isso ocorra é necessário que o próprio psicoterapeuta viva em congruidade. O que não significa que o psicoterapeuta deva ser uma pessoa perfeita e livre de conflitos, tampouco que corresponda a um determinado modelo de valores éticos, políticos ou religiosos. A congruidade do psicoterapeuta existe na medida em que o mesmo sabe de seus processos psicológicos e está em identidade com aquilo que manifesta no mundo (FERREIRA, 2009; MENEGHETTI, 2010).

Antonio Meneghetti (2005), afirma que para um encontro qualificar-se como psicoterapêutico alguns elementos fundamentais precisam estar presentes. Os três primeiros pontos são atribuídos à Carl Rogers, já os seguintes são contribuições da Ontopsicologia. De acordo com Meneghetti, o primeiro ponto refere-se a percepção por parte do cliente – mas ainda não conscientizada – de que vive um conflito ou um problema, e por isso toma a decisão de procurar um profissional para deixar-se discutir. Portanto, o primeiro movimento em direção à psicoterapia, parte do cliente e não do terapeuta. Apenas depois de o cliente apresentar sua realidade, é que o profissional poderá intervir. O segundo ponto diz respeito a congruidade por parte do psicoterapeuta. Por congruo compreende-se aquilo que está de acordo, que é coerente.

Quando um cliente escolhe o seu psicoterapeuta é porque acha que determinada pessoa está bem e tem competência para auxiliar na resolução de seu conflito. Não se trata de um ideal inatingível de pessoa e profissional, mas de alguém que tem consciência daquilo que de alguma maneira manifesta e vive. A incongruidade ocorre quando agimos sem a clareza da ação, quando a consciência não sabe o que vive. O terceiro ponto refere-se ao contato, duas pessoas podem se encontrar, dialogar e até mesmo entrarem em acordo, porém isso não quer dizer que essas pessoas entraram em contato.

Para Meneghetti é competência do psicoterapeuta fazer com que o contato ocorra, isso significa estar em identidade emotiva e psíquica com aquele que se apresenta diante dele. Nesse sentido o psicoterapeuta é capaz ressoar a organização psico-emotiva, mas com consciência que aquilo que sente não lhe é próprio. Os pontos seguintes, propostos pelo autor da Ontopsicologia serão expostos mais adiante. Talvez, a grande contribuição da vertente humanista na psicologia tenha sido a aposta no que haveria de mais positivo no humano. Resgatar a importância da auto realização, da capacidade criativa e da alegria do homem, por meio de uma postura de amor e respeito na relação com o outro, constitui não só um dos pilares do pensamento humanista como também a orientação de sua psicoterapia.

### **2.3 A FENOMENOLOGIA**

Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão, é por muitos reconhecido como o fundador da escola fenomenológica. Por mais que o termo fenomenologia já tivesse sido utilizado por Hegel na obra “A Fenomenologia do Espírito” de 1807, assim como algumas de suas noções conceituais serem derivadas das reflexões de Brentano, de quem foi aluno, é de Husserl o desenvolvimento teórico e metodológico da escola. Mais do que um sistema teórico fechado, a Fenomenologia se organiza como um movimento filosófico que serve de base metodológica para inúmeras ciências e aplicações. Para o filósofo alemão, a racionalidade científica estava equivocada em seus métodos de investigação produzindo conhecimentos irreais sobre o mundo e não reversíveis ao mundo-da-vida (JONQUERA & ARROYO, 2006;

MENEGHETTI, 2010). Em sua última publicação *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, Husserl apresenta o que nomeou de o problema crítico do conhecimento. Na obra, o autor tece duras críticas ao modo o qual seus contemporâneos faziam ciência e produziam conhecimento. Para Husserl o modelo positivista era fracassado, pois por meio de seus métodos não seria capaz de acessar o *Lebenswelt* (mundo-da-vida) e portanto, o real dos fenômenos (MENEGHETTI, 2010). A proposta de Husserl consiste em um processo metodológico que nos dirija a unificação científica da Psicologia e da Filosofia mediante o acesso ao fundamento de origem de todo o conhecimento.

No pensamento fenomenológico, todos os processos psíquicos são intencionais, ou seja, sempre estão ligados e fazem referência a objetos e acontecimentos localizados na realidade externa do sujeito, logo, a produção de conhecimento parte da intencionalidade intrapsíquica para um dado extra-psíquico. Pensá-los como meros dados subjetivos sem relação com a realidade, seria tratá-los como abstrações sem valor (VIDOR, 2013).

Diferente dos trabalhos de Wundt com a técnica da introspecção, e de outros terapeutas científico-naturalistas que tentavam enquadrar o sujeito em alguma teoria, a postura fenomenológica não propõe nenhum controle de variáveis, já que é na íntima relação de intencionalidade que o fenômeno se revela em sua existência singular (LESSA & DE SÁ, 2006; JONQUERA & ARROYO, 2006). Percebe-se aí o resgate da importância da experiência para o cientista e do conhecimento dela derivado. A experiência a qual Husserl alude, ultrapassa o empirismo já solidificado entre os seus pares. Pois para ele, o conhecimento derivado da experiência está localizado em um tempo e espaço (aqui-e-agora) e só pode ser acessado se o pesquisador suspender todo e qualquer *a priori* que possui, para que o fenômeno revele suas propriedades em intencionalidade. Portanto, a experiência fenomenológica pretende superar a dicotomia entre o sujeito e o objeto, entre realidade interna e externa. A experiência e como o sujeito a vivência são dados inseparáveis e constituem um par indissociável.

Toda ciência é projeção da subjetividade de seu cientista, mas para que se produza uma ciência verdadeira que se mantenha em referência ao mundo-da-vida, essa subjetividade necessita estar pura, sem pressupostos que obscureçam a consciência do investigador no encontro com o fenômeno. Sendo assim, faz-se necessária uma interrupção, ou mesmo uma suspensão

temporária, do juízo moral e científico para tocar a evidência direta e imediata da experiência. A essa suspensão, Husserl chamou de *ἐποχή* (*epoché*), em resgate ao termo grego que alude à operação. A *epoché* consiste na suspensão de todos os juízos do cientista frente ao fenômeno, com exceção do fato de ser. A prática da redução fenomenológica demanda consciência e disciplina, o pesquisador não sofre a *epoché* mas a opera a fim de obter informações reais sobre o fenômeno com a menor contaminação possível. A atitude fenomenológica permite, a aquele que a assume, observar e apreender a intencionalidade dos processos psicológicos na experiência humana (VIDOR, 2013).

Nessa perspectiva, a realidade assume um caráter relacional e passa a ser entendida como uma construção entre observador e observado. HALLING & CARROLL *apud* JONQUERA & ARROYO (2006), definem a Fenomenologia como “ o estudo metodologicamente rigoroso e imparcial das coisas tal como aparecem, de maneira que se pode chegar a um entendimento essencial da consciência humana e sua relação com os objetos da experiência (p.96)”. Portanto, a escola fenomenológica busca uma compreensão, e não uma explicação, da experiência que o observador tem, a partir de uma detalhada descrição da experiência por parte do observador em seus próprios termos e percepções. O interesse dos fenomenólogos reside na exaustiva descrição sobre o que o fenômeno aparenta e revela ao investigador no momento presente do questionamento, e não por possíveis interpretações acerca do que estaria por detrás das suas aparências.

Em psicoterapia de base fenomenológica, a informação que interessa é proveniente do encontro psicoterapêutico e do que ele gera. Do encontro entre dois mundos - do cliente e do terapeuta - e de como cada um deles o vivencia. O essencial da investigação fenomenológica reside nas sensações e percepções afetivas, corporais e intelectuais que o terapeuta vive no aqui-e-agora do encontro psicoterápico, desde que sejam feitas as *epochés* necessárias. Caso contrário, os dados obtidos pelo psicoterapeuta ao invés de informarem sobre o fenômeno em reversibilidade ao mundo-da-vida, informariam sobre as experiências, fantasias e projeções do profissional.

O terapeuta apreende a outra pessoa a partir de todas as afecções que o encontro lhe gera, isto é, enquanto “ser-no-mundo-com-o-outro”. Se na fenomenologia a leitura é feita no existir do

momento presente (aqui e agora), na psicoterapia trata-se de um aqui e agora em relação e por isso, com o outro. Na clínica de orientação fenomenológica, o psicoterapeuta não busca localizar o cliente em algum aspecto da teoria, mas objetiva compreender as singulares formas de existir daquele sujeito, como ele às experimenta assim como, suas relações com as pessoas e coisas do mundo (LESSA & DE SÁ, 2006). Ao assumir uma postura clínica de abertura dialogante, o psicoterapeuta oferta a possibilidade de ser tomado pelo outro para manifestação de suas verdades. Nesse sentido, ao invés do critério clínico ser de âmbito epistemológico, ele passa a ser deslocado para o ser do homem e o cuidado inerente à psicoterapia passa a fundamentar-se ontologicamente.

## **2.4 O PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO**

A Ontopsicologia caracteriza-se por ser uma ciência que se funda sobre a lógica da natureza e por ela, se orienta, pois identificou e isolou o seu código base, a sua linguagem. A natureza em si é perfeita, se organiza de maneira autônoma, se transforma e auto-regula, de acordo com suas necessidades de sobrevivência e desenvolvimento. Todo ser humano já esteve em harmonia com essa ordem natural, contudo, se perdeu em meio ao mar de estereótipos à disposição, sucumbindo à imperativos morais e super-egóicos. Portanto, a natureza é a fenomenologia integral do ser para o humano e somente por meio de seu critério podemos conhecer o homem de maneira inteira e real.

Critério de natureza pois é a medida que se verifica por evidência ontológica, corresponde a intencionalidade do ser que concretiza um corpo, um objeto ou mesmo um campo. É uma lei fundamental que estrutura sua ação no homem, a esse critério o autor chamou de Em Si ôntico. Enquanto humanos, dotados de consciência, temos a possibilidade de não só agir, como também de refletir sobre a ação de existir. É possível compreender o mundo através de lentes religiosas, culturais e políticas, contudo, por meio de argumentos baseado em autoridade e/ou convenção, não se produz conhecimento real sobre determinado fenômeno, mas deflexões sociais e culturais do mesmo. Para Meneghetti (2003), antes de falar em ciências específicas é necessário



interrogar-se sobre quem é que a faz, pois é a partir das lentes do pesquisador que irá se produzir um saber dito científico. Ciência para a Ontopsicologia caracteriza-se como um saber que esteja em coincidência ao ser, enquanto a opinião é mera projeção de ideia sem reversibilidade entre o conhecimento e o objeto (VIDOR, 2013). Se o problema fundamental é o de objetivar a realidade, tornar funcional à vida humana o conhecimento sobre o concreto, a exatidão do pesquisador que conduz a investigação é imprescindível. Tal exatidão deriva da consonância entre o sujeito e Em Si ôntico, que permite ao investigador acessar a realidade em reversibilidade ôntica. Uma das definições dadas pelo autor ao Em Si ôntico o descreve como: “Um princípio formal e inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGHETTI, 2010, p.157). Dessa definição podemos apreender uma série de informações, se trata de um princípio, pois é de onde se parte para o existir, é anterior a qualquer fenomenologia existencial. É formal pois existe de um certo modo, possui uma especificidade, função que se formaliza em ato.

É inteligente por ser evidência do íntimo do ser e por conta disso, é capaz de colher e evidenciar o real. É apto de identificar a evidência do outro, a partir da própria evidência de ser. A parte da definição referente à autóctise histórica refere-se a dimensão da existência propriamente dita, pois o Em Si, se desenvolve e acontece em um aqui-e-agora, em um corpo localizado no tempo e no espaço (MENEGHETTI, 2010). O Em si ôntico é inscrito no ser, é centelha do ser, mas se formaliza quando se individua em uma unidade de ação, em matéria orgânica, em um existir.

Sendo o Em Si ôntico o critério do real, é apenas em relação ao Em Si ôntico que se pode analisar com integralidade o fenômeno que se apresenta. Meneghetti afirma que - “ O Em Si ôntico é o ABC do futuro científico” (MENEGHETTI, 2003, p.43) - denotando o lugar basilar que ocupa dentro da teoria ontopsicológica, assim como chave para resolução do problema do conhecimento. O homem autêntico, aquele que executa a intencionalidade do Em Si ôntico, está conexo com todos os entes vivos e sabe disso, pois o Em Si é da vida e está em tudo que vive. Quando impactado por uma outra pessoa ou pelo ambiente, consegue ler a informação tal como ela é, indo além das distorções do monitor de deflexão, para o íntimo da coisa. Consegue, por meio do *training* de autenticação tornar-se consciente daquilo que é, do que lhe é idêntico, útil e funcional para a sua vida, e por efeito, de tudo aquilo que não lhe é próprio.

O encontro em psicoterapia, que extrapola a aplicação de um arcabouço teórico e de técnicas de manejo clínico, exige do psicoterapeuta um profundo conhecimento de sua subjetividade para poder compreender o universo subjetivo do cliente. A experiência da alteridade faz com que emergam uma série de conteúdos afetivos e ideativos que, se o psicoterapeuta não se sabe, ou seja, se não tem consciência de quem é, não pode distinguir o que é seu e o que é do outro, mas que independente de sua consciência é impactado no encontro. De acordo com Meneghetti (2010), a psicoterapia significa o “cuidado da mente” (p.281). É o profundo exercício de acessar um mundo infinito de um sujeito, para identificar qual é a dinâmica psíquica que o rege internamente. Nem sempre aquilo que aparece, revela a dinâmica que o psiquismo engendra, portanto o psicoterapeuta deve estar atento não apenas aos conteúdos manifestos, mas também às variações que sente em seu íntimo psicológico e também visceral.

Em ontoterapia ocorre um diálogo enquanto acontecimento de experiência perceptiva, e posteriormente, a tomada de consciência acerca do encontro. As palavras atuam como primeiro indício, comunicam o conteúdo da narrativa, possibilitam a interação entre terapeuta e cliente, mas muitas vezes, escamoteiam a dinâmica do enredo. Todavia, as informações emitidas e recebidas em ontoterapia escapam aos limites da linguagem verbal e a comunicação se dá em níveis, consciente/inconsciente e verbal/não verbal.

O universo comunicativo do homem acontece em nível consciente a partir de três formas - a Cinésica, Proxêmica e a Linguagem (C.P.L.). A comunicação cinésica refere-se ao movimento independente que ocorre de maneira individual, do sujeito com ele mesmo. Como ele caminha, toca o corpo, se senta, entre outros, a dimensão cinésica reflete o mover-se autônomo do sujeito com o seu próprio corpo. A comunicação proxêmica, também remete ao mover-se corporal do homem, mas não mais solipsista e sim em relação a algo ou alguém, em dependência das características da relação em questão. Tudo que é em relação ao próximo é de ordem proxêmica, pois são atos em relação a. A dimensão da Linguagem compreende todas as possibilidades linguísticas e seus códigos - escolhas verbais, adjetivas, construções sintáticas, de tom e pontuação - ou seja, como a pessoa fala e organiza seu discurso para o outro (MENEGHETTI, 2010).

A Ontopsicologia reconhece todas as formas de comunicação supracitadas como fontes fundamentais de informações sobre o outro, mas além de entender essas dimensões afirma que no encontro entre dois universos existe ainda um outro tipo de interação que não foi verbalizada e tornada lógica, porém, que opera em recíproca interceptação. A essa comunicação, inconsciente mas operante, o autor nomeou Campo Semântico (CS).

Reconhecido como uma das três descobertas ontopsicológicas, o Campo Semântico é a identificação da comunicação base da natureza. Se o Em Si ôntico, critério de natureza, está presente em tudo que é vivo, é através de Campo Semântico que a comunicação entre os diferentes pontos-força acontece. O termo campo refere-se a um suposto contexto de três coordenadas: espaço, tempo e individuação. Portanto, o campo acontece em um determinado lugar e momento entre pessoas específicas. Por semântico compreende-se o impulso, o movimento que cria formas antes de se obter significados.

No encontro entre duas pessoas, o outro se faz realidade dentro de mim, antes que se possa colher o seu signo ou entender seu pensamento (MENEGETTI, 2010). Se a empatia proposta por Rogers, configura-se como condição para o contato, o autor da ontopsicologia vai além e propõe o conceito de endopatia. A endopatia como a compreensão que colhe a dinâmica motivacional interna de um comportamento humano (VIDOR, 2013).

Dessa forma, o Campo Semântico é definido como um “transdutor informático sem deslocamento de energia” (MENEGETTI, 2010, p.183). Ou seja, transmite uma informação que quando recebida se estrutura em emoção ou variação visceral no outro, pois possui uma variante psicoemotiva orgânica. Fala-se em transdutor informático, pois apenas dá o módulo de passagem da energia informante mas não a energia propriamente dita, cada ser vivente comporta a energia que se organiza e formaliza em imagens a partir de sua intencionalidade psíquica. Imagens em Ontopsicologia são símbolos, estruturas que a energia utiliza para efetuar variáveis. Na análise semântica, interessa-se pela imagem dominante naquele momento, pois ela é capaz de revelar a dinâmica inconsciente do sujeito, como ela se rege e se vetoriza.

## 2.5 SOBRE A ONTOTERAPIA

O objeto específico da psicoterapia é a atividade psíquica, que em Ontopsicologia é compreendida como o primeiro movimento do homem, anterior a qualquer formalização simbólica ou orgânica. É a intencionalidade anterior a qualquer fenomenologia, trata-se da causalidade do fenômeno, pura e simplesmente, seja ele patológico ou não. O discurso, o pensamento, as lembranças e as emoções já são efeitos da atividade psíquica, o psicoterapeuta deve ser capaz de colher o anterior causal de todos esses processos para poder compreender como aquele sujeito lê e age no mundo - do que é feita a sua realidade interior (MENEGETTI, 2010).

O método utilizado em psicoterapia para tal, coincidente ao método da Ontopsicologia, é bilógico, composto por processos racionais indutivos e dedutivos, aos quais se somam as contribuições das três descobertas. É bilógico pois apoia-se tanto nas lógicas racionais cientificamente convalidadas, mas também em princípios não reconhecidos pela racionalidade clássica, tal como a intuição.

No encontro psicoterapêutico, faz-se uma leitura com base nas diversas fontes de informação proporcionadas pela: linguagem semântica, a análise onírica, a anamnese afetiva, a comunicação fisiognômica-cinésico-proxêmica, assim como a linguagem que o sintoma adquire e os resultados decorrentes do processo. Tem como seu instrumento o próprio psicoterapeuta e o diálogo que se estabelece no encontro psicoterapêutico. Contudo, o critério é sempre o do Em Si ôntico. O objetivo de toda psicoterapia ontopsicológica é a autenticação do humano, ou seja, a sua reintegração à ordem da vida, à virtualidade natural do seu Em Si ôntico, em outras palavras, a restituição da idiosincrasia entre existência e essência (MENEGETTI, 2010, VIDOR, 2013).

Em seu tratado, *Ontopsicologia Clínica* (2005), o Meneghetti detalha os elementos fundamentais que distinguem a relação psicoterapêutica e que geralmente se fazem presentes. Como já pontuado, os três primeiros aspectos são referendados à Rogers - incongruência, congruência e contato -, já os seguintes são esclarecimentos da Ontopsicologia. O ponto seguinte, o quarto descrito, diz respeito ao inconsciente e de como o mesmo se reconfirma cotidianamente

em seu instinto vital. Nesse sentido, a vida se afirma por meio dos indivíduos, mesmo naqueles em contradição.

Cabe pontuar que o autor da Ontopsicologia discorda da proposição psicanalítica da pulsão de morte como constituinte do inconsciente. Para Meneghetti, apenas a pulsão de vida é inata ao homem, as patologias e a autodestruição são resultados da ação do monitor de deflexão - a terceira descoberta ontopsicológica. O Monitor de deflexão é a estrutura psíquica organizadora das fantasias e complexos, que distorce a leitura que o Eu faz da realidade, impedindo o desenvolvimento sadio do sujeito em consonância com o Em Si ôntico. O monitor não é algo inato ao sujeito e sim um programa inserido pelo outro na vivência da cena primária com a produção da imagem matriz. A imagem matriz passa então a ser o protótipo para todas as futuras distorções do Monitor de deflexão na psiquê humana (MENEGHETTI, 2010).

O quinto ponto refere-se à operação do ontoterapeuta. Enquanto humano em exatidão com a vida, ou seja, em identidade ao seu Em Si ôntico, o psicoterapeuta é capaz de contato por campo semântico com a dinâmica psíquica do cliente e portanto, pode estimulá-lo para que a torne consciente. Proporcionando assim, as condições necessárias para o restabelecimento de uma interação sadia e funcional entre o sujeito e o seu inconsciente. Apenas alguém que esteja em coerência de ato com seu Em Si é capaz de compreender e orientar um outro.

O que nos leva ao sexto ponto, o qual assinala a capacidade do ontoterapeuta em identificar quais são as emoções originadas pelo complexo do cliente a partir das projeções que experimenta durante o contato, daquelas emanadas do Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2005). Se as informações derivadas do Monitor de deflexão tem caráter peremptório e são, geradoras de medo, angústia e imperativos categóricos, as informações de origem ôntica são úteis e funcionais à vida do sujeito, assim como em identidade ao projeto de natureza do sujeito (MENEGHETTI, 2010).

O sétimo aspecto alerta ao encontro entre o inconsciente do cliente e do psicoterapeuta, afirmando que caso o psicoterapeuta experiencie emocionalidades de euforia, de medo ou angústia e se sinta preso nelas, é necessário desconfiar se o inconsciente do paciente não é mais estruturado do que o seu. Neste caso, salienta-se que quando fala-se em inconsciente faz-se referência à estrutura organizada do complexo e não ao Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2005).

O oitavo e nono ponto descritos pelo autor da ontopsicologia referem-se ao contato propriamente dito. A palavra contato tem sua origem no termo em latim *cum tangere*, que significa tocar-se, tocar junto, ser tocado. O ontoterapeuta semantiza a emoção do outro, a apreende e a vivencia, sem sair do seu eixo, para poder colher a divergência entre o organismo e o seu projeto ôntico. Não se trata de qualquer contato, mas aquele que conduza à centralidade organísmica do outro para que o terapeuta identifique e orquestre a reafirmação da pulsão vital do seu cliente. O ontoterapeuta escuta a narrativa do cliente, apreende o seu campo semântico e identifica onde ocorre o erro, para então, coadjuvá-lo a mediar suas dinâmicas internas a fim de possibilitar a atuação do Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2005). O ontoterapeuta que se encontrava antes da sessão em tranquila solidão, deve a esse estado retornar ao fim da sessão, refletindo a não simbiotização do campo emocional do paciente pós encontro.

O psicoterapeuta deve ser aquele que detém a) uma intuição natural; b) estudo e cultura quase ilimitados mas em contínua atualização e c) caráter amadurecido pela vida e em constante metabolização do novo. Somado a essas três características, o ontoterapeuta deve estar em percurso de autenticação, no qual realiza a constante metanóia de seus complexos e estereótipos, religando-se ao seu próprio projeto de ser. A sua exatidão na vida é o que lhe autoriza a coadjuvar um outro em seu processo de autenticação. É em aliança ao critério do Em Si ôntico e à mediação do Campo Semântico que o psicoterapeuta opera a sua intervenção (MENEGHETTI, 2010).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Psicologia tem se desenvolvido em diferentes áreas do conhecimento e expandindo seu campo de atuação nas mais diversas dimensões da vida humana, aprimorando sua prática e obtendo resultados, muitas vezes, satisfatórios. Contudo, o mal estar existencial persiste e a clínica psicológica se confronta cotidianamente com ele, se havendo com os instrumentos teóricos e metodológicos que possui. A psicologia humanista ao descrever os aspectos sadios do humano, e apostar na tendência à autorrealização realiza um importante passo em direção a vida

do homem, mas não decifrou a origem dessa tendência, não conseguiu ler a linguagem da natureza em evidência ontológica.

A fenomenologia traz à luz o *Lebenswelt*, fundamento e origem de todo o conhecimento, o qual, através das sucessivas e necessárias *epochés*, deixa de ser um ideal, tornando-se referência e propósito de toda a atuação. Husserl, prevê a necessidade de uma psicologia que parta do mundo-da-vida, para compreender o humano e fazer ciência real, mas não atinge o seu objetivo também por não identificar o critério causal de toda a existência.

Portanto, a Ontopsicologia surge como resposta a essas indagações. Ao identificar e isolar o Em Si ôntico, acessa a unidade ontológica fundamental, o denominador comum a tudo que é vivo. Com isso, compreende a lógica da vida, as suas fenomenologias e também, o modo como os entes se comunicam no interior dessa lógica. Com o assimilação do Campo Semântico, torna-se possível colher a dinâmica interna do outro a partir das variações psicológicas e viscerais geradas no contato. A intencionalidade, antes um construto invisível apreendido somente pelos seus efeitos, diventa o próprio objeto da ontoterapia. Da evidência que o homem é parte da natureza e de sua perfeição, Meneghetti localiza a procedência do núcleo de distorções e sofrimento humano como fator exógeno a ele, inserido na psiquê nos primeiros anos de vida.

Mais do que uma aposta no sublime da vida, a Ontopsicologia se reafirma por meio do que reconhece como seus resultados. Tratando-se de um sistema teórico, um método terapêutico e uma filosofia de vida, o saber ontopsicológico afirma-se como ciência epistêmica que serve de base para certificar o cientista em seu ofício e na responsabilidade da produção de conhecimento.



#### 4. REFERÊNCIAS

CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: abordagens atuais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEVEREUX, Georges. **Ethnopsychanalyse complémentaire**. Paris: Flammarion, 1985.

FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. **A Autonomia na Psicoterapia**. Passo Fundo: IMED, 2009

JONQUERA, André Sassenfeld & ARROYO, Laura Moncada. Fenomenología y psicoterapia humanista-existencial. **Revista de Psicología de la Universidad de Chile**. Santiago, v XV, n. 1, p.89-104, 2006.

LESSA, Jadir Machado & DE SÁ, Roberto Novaes. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. XXIV, n. 3, p.393-397, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MASLOW, Abraham Harold. **Motivation and Personality**. 1970. Disponível em: [http://s-f-walker.org.uk/pubsebooks/pdfs/Motivation\\_and\\_Personality-Maslow.pdf](http://s-f-walker.org.uk/pubsebooks/pdfs/Motivation_and_Personality-Maslow.pdf). Acesso em: 18. Abr. 2016.

MENEGHETTI, A. **Genoma ontico** tradução: Ontopsicológica Editrice,- 3ª.ed. - Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. 3.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. Ontopsicología: el nexa ontológico de la psicología. In: CONGRESSO MUNDIAL DE PSICOTERAPIA, 4., 2005, Buenos Aires, 2005. Buenos Aires: Associação International de Ontopsicología, 2005,

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2010.



MORO, Marie-Rose. & LACHAL, Cristian. **As psicoterapias: modelos, métodos e indicações**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://psicologadrumond.files.wordpress.com/2013/08/tornar-se-pessoa-carl-rogers.pdf>. Acesso em: 18. Abr. 2016.

SCHULTZ, Duane P. & SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

VIDOR, Alécio. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2013.